VI Simpósio Nacional de
HISTÓRIA CULTURAL
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

SUBJETIVIDADES E CORPOREIDADES NAS CONSTRUÇÕES DOS CONCEITOS DE CORPO E DE BELEZA NA CULTURA MIDIÁTICA CONTEMPORÂNEA

Edna Maria Nóbrega Araújo*

O corpo, como a vida, se encontra em constante transformação. Muitas dessas mudanças são explicitadas na aparência física dos indivíduos. Aparência esta que é sempre reinventada com o passar dos anos.

> Eu não tenho mais a cara que eu tinha
> No espelho essa cara já não é minha
> É que quando eu me toquei achei tão estranho
> A minha barba estava deste tamanho [...]
> (REIS, 1980).

O corpo é um signo da história. Cada corpo, longe de ser apenas constituído por leis fisiológicas, supostamente imutáveis, não escapa à história. (SANT'ANNA, 2000, p.50, apud NECKEL, 2003, p. 54). Ou seja: não se pode pensar o conceito de corpo apenas a partir dos aspectos biológicos: dos seus ossos, dos seus músculos, órgãos, de suas entranhas, pele e sentidos. O corpo "é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam" (GOELLNER, 2003, p. 29). O corpo é "mutável e

* Professora da Universidade Estadual da Paraíba/UEPB. e mail: edna.n@terra.com.br. Trabalho resultante de um projeto de pesquisa financiado pelo PROPESQ/UEPB, Edital 02.

ISBN: 978-85-98711-10-2

mutante" não apenas pelos fatores fisiológicos que sobre ele se operam, mas também pelos fatores sociais e culturais que a ele se atribui.

Para Goellner (2003), pensar o corpo como histórico é pensar a sua tessitura a partir da cultura e da linguagem. Esta perspectiva rompe com a forma naturalista pela qual o corpo foi pensado, explicado, classificado e tratado.

> O corpo é uma construção sobre a qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos, etc. Não é, portanto, algo dado a priori nem mesmo é universal: o corpo é provisório, mutável e mutante, suscetível a inúmeras intervenções consoante o desenvolvimento científico e tecnológico de cada cultura bem como suas leis, seus códigos morais, as representações que cria sobre os corpos, os discursos que sobre ele produz e reproduz. [1]

Ainda sobre o corpo, Goellner afirma:

> O corpo é também o que dele se diz e aqui estou a afirmar que o corpo é construído, também, pela linguagem. Ou seja, a linguagem não apenas reflete o que existe. Ela própria cria o existente e, com relação ao corpo, a linguagem tem o poder de nomeá-lo, classificá-lo, definir-lhe normalidades e anormalidades, instituir, por exemplo, o que é considerado como corpo belo, jovem e saudável. Representações estas que não são universais nem mesmo fixas. São sempre temporárias, efêmeras, inconstantes e variam conforme o lugar/tempo onde este corpo circula, vive, se expressa, se produz e é produzido[2].

"A linguagem institui o que pode ser considerado como belo". É a partir da linguagem, evidentemente, que o conceito de beleza é construído. O corpo é múltiplo. A multiplicidade dos seus sentidos pode ser reconhecida ao observarmos as diferentes alterações do seu conceito ao ser atravessado pelo tempo.

Na obra Vigiar e Punir, Foucault procurou narrar o advento da modernidade como construtor de uma nova forma de poder que, necessariamente, não precisava ser exercido por um grupo ou por uma instituição específica, mas que conseguia se fazer presente no cotidiano e no contexto de construção do mundo capitalista. Para ele, esta nova forma de poder passou a ter um forte desempenho no controle dos corpos e buscava a transformação dos mesmos em dóceis e úteis:

---

[1] GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). **Corpo gênero e sexualidade:** um debate contemporâneo. Petrópolis, Vozes, 2003, p. 28.

[2] Ibid., p. 29.

ISBN: 978-85-98711-10-2

> (...) Em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações. (...) Não se trata de cuidar do corpo, em massa, grosso modo, como se fosse uma unidade indissociável mas de trabalhá-lo detalhadamente; de exercer sobre ele uma coerção sem folga, de mantê-lo ao nível mesmo da mecânica - movimentos, gestos, atitude, rapidez. (...) Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade. São o que podemos chamar as disciplinas. [3] .

Na sociedade capitalista, o corpo e as formas de controle que sobre ele deveriam ser exercidas, ainda segundo Foucault, foram organizadas através da associação da disciplina com a medicina.

O capitalismo desenvolveu-se em fins do século XVIII e inicio do XIX, socializou um primeiro objeto que foi o corpo enquanto força de produção, força de trabalho. O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade bio-política. A medicina é uma estratégia bio-política[4].

O argumento de Michel Foucault é que o ataque capitalista ao corpo foi construído a partir do poder médico. Ao tratar do *"Nascimento da Medicina Social"*, Foucault demonstra que a sua constituição teve três momentos distintos: medicina de Estado, medicina urbana e medicina da força de trabalho[5], o que lhe permitiu afirmar que nem sempre a medicina foi voltada para a relação corpo / força de trabalho.

Segundo Foucault, no século XVIII, já se podia visualizar a medicina atuando com características civilizatórias. Essa medicina, que ele denominou de urbana, surgiu com vistas a reduzir o medo provocado pelo crescimento das cidades, medo das fábricas, da população numerosa demais, das epidemias.

Segundo Foucault (1989, p. 97), foi essa medicina urbana que influenciou a chamada medicina científica, a qual apareceu, no século XIX, sobretudo na Inglaterra. Foi uma medicina elaborada a partir da preocupação com o enfraquecimento e a

---

[3] Consultar: FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir.** 7 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1987, p. 126.

[4] FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder.** 8 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989. p. 80.

[5] Consultar: Ibid.

ISBN: 978-85-98711-10-2

degeneração da espécie. Ela buscava o fortalecimento dos indivíduos e a conseqüente melhoria de sua saúde e bem estar. Esta medicina agia tanto para controlar a saúde do corpo das classes mais pobres, objetivando torná-las aptas ao trabalho, quanto para torná-las menos perigosas às classes ricas.

O corpo passava, assim, a ser esquadrinhado pela medicina, sendo possível constatar uma relação entre a medicina, o capitalismo e o conceito de disciplina. Um corpo saudável, dócil e submisso, fabricado pela disciplina, permitiria uma maior exploração da força de trabalho:

> (...) O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha o desarticula e o recompõe. Uma 'anatomia política', que é também igualmente uma 'mecânica do poder'; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. (...) A disciplina aumenta as forças do corpo em termos econômicos de utilidade e diminui essas mesmas forças em termos políticos de obediência[6].

Em nome da saúde do bem-estar, a medicina passou a controlar os corpos a partir de "diferentes métodos disciplinares: a classificação das paixões, a definição do que seriam desvios sexuais, as aparelhagens para corrigir as anatomias defeituosas, os banhos de mar, a modelagem do corpo por meio da atividade física", a criação de tabelas que servissem de base para classificar e estabelecer valores da média da população em peso, idade e nas aparências físicas predeterminadas. A medicina criou "um conjunto de saberes e poderes que investiram no corpo e nele se instauraram, voltados para a educação da gestualidade, a correção do corpo, sua limpeza e higienização" (GOELLNER, 2003, p.35).

As mudanças históricas do conceito de corpo, sob a intervenção da medicina, da ciência e do capitalismo, possibilitaram a emergência, ao longo do século XX, de novas práticas cotidianas voltadas para garantir aos corpos força física, vigor, robustez, dinamicidade e energia, a serem conquistadas, também, com a prática dos banhos de mar, dos passeios ao ar livre, da ginástica, do não uso do espartilho[7], este último

---

[6] FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder.** 8 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989. p. 127.

[7] Espartilho: couraça de ferro que objetiva moldurar, prender as carnes da cintura feminina.

ISBN: 978-85-98711-10-2

apontado, pelo discurso dos higienistas do final do século XIX, como causador de deformações nos corpos femininos.

Com o passar do tempo, as mulheres se livraram do espartilho e do excesso de roupas, emergindo um discurso defensor da necessidade de liberdade das próprias gordurinhas que antes eram comprimidas e controladas pelo aperto da cintura e escondidas pelas vestimentas. No entanto, o suplício do espartilho não foi substituído por um alívio mas, sim, novos sofrimentos e sacrifícios foram construídos. Aos corpos femininos mais volumosos não era aplicada mais a crítica e a proibição dos higienistas que eram contrários ao uso do espartilho. Com o apoio do discurso médico, diante do respeito que apresenta ao orientar as pessoas com o objetivo de garantir a saúde, os corpos femininos passaram a ser literalmente atravessados pelas ginásticas que, ao longo do século XX, foram sendo enunciadas como moda e sinônimo de saúde e bem estar. "O corpo humano não parece ter se libertado das dolorosas amarras que ao longo dos tempos o confinaram. Ao contrário, novas e mais poderosas forças socioculturais emergem dispostas a escravizá-lo." (SIBÍLIA, 2007, p. 132/3).

A ginástica passou a ser justificada pelo seu caráter educativo, pelo caráter terapêutico e pelo desenvolvimento da força e da beleza. Ela passou a ser associada à saúde, qualidade de vida, longevidade e beleza. Era preciso "oxigenar as carnes, e alegrar-se graças ao equilíbrio saudável do organismo. A elegância feminina começou a rimar com saúde". (DEL PRIORE, 2000, p. 63).

A exposição de corpos femininos invariavelmente jovens, malhados, bonitos, parece ser o atestado das mulheres saudáveis e o passaporte para a felicidade de todas aquelas que se submeteram às recomendações do discurso midiático sobre saúde e estética.

Encontrar-se atenta às medidas e ao peso, tornou-se indispensável para enunciar os sentidos do corpo ao longo do século XX. "Nas últimas cinco décadas, o 'peso ideal' foi um dos indicadores mais importantes de boa saúde. [...] O que significa que a cinturinha de pilão deixou de ser apenas preocupação estética para se transformar em recomendação médica. O objetivo agora é eliminar aquela 'barriguinha', nociva à estética e à saúde." (NEIVA, Veja, Disponível em: http://www.veja.com.br/ Acesso em: outubro 2007).

ISBN: 978-85-98711-10-2

Naturalizou-se a produção de corpos "bem-construídos", com proporções equilibradas. Esta produção é construída a partir de muito esforço nas academias. Esse esforço também é naturalizado e tomado como necessário e agradável. Desagradável, afirma-se, é a idéia de exibir o corpo obeso ou fora da forma estabelecida como correta como mostra a matéria da Revista Veja:

> Se você está sozinho no quarto, fique à vontade e vá para a frente do espelho. Esta é a hora da verdade. Muito provavelmente você não está contente com o que vê. Os pneuzinhos nos flancos, o abdome flácido, os braços finos, as pernas rechonchudas – nada disso combina com a imagem que gostaria de ter e desfilar na praia ou na piscina. Mas não desanime. Dá para melhorar bastante seu corpo se você se dispuser a malhar imediatamente. Um bocado de gente começou há pouco. Cerca de 500.000 brasileiros recorreram às academias no mês passado [outubro], num movimento que se repete de meados da década de 90 para cá. Na antevéspera do verão, os centros de narcisismo explícito registram um aumento de 25% no número de matrículas. (...) Ninguém se transformará num Paulo Zulu ou numa Gisele Buindchen, é claro, mas a vergonha de tirar a camiseta ou a canga diminuirá consideravelmente.[8]

Neste sentido, no final do século XX, a exibição, a "descoberta" do corpo construiu uma nova moral: a moral da chamada *boa forma*.

> Devido à mais nova moral, a da boa forma, a exposição do corpo, em nossos dias, não exige dos indivíduos apenas o controle de suas pulsões, mas também o (auto)controle de sua aparência física. O decoro, que antes parecia se limitar à não-exposição do corpo nu, se concentra, agora, na observância das regras de sua exposição[9].

Seguindo essa reflexão, Goldenberg e Ramos (2002, p.28) afirmam que "mesmo a exibição do corpo nu, não é considerada, muitas vezes, tão indecente quanto à exibição de um corpo 'fora de forma'.

A prática de exercícios tem se mostrado mais do que uma simples escolha pessoal em busca de saúde.

> A aparência decorrente dos exercícios de musculação nas academias de ginástica passa por um processo de sustentação da imagem corporal de determinados 'malhadores', estabelecendo o comprometimento, às vezes obsessivos, que tentam ajustar-se corporalmente – para não

---

[8] Revista Veja, 28/11/2001.

[9] GOLDENBERG, Mirian (org). **Nu e vestido**: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 27.

ISBN: 978-85-98711-10-2

> dizer socialmente. Os adeptos dessa religiosidade em função do corpo formam seus músculos avantajados, que podem até se tornar desproporcionais ao próprio físico, usando a argumentação da 'pseudogeração saúde'. Os resultados dos exercícios de academia, inevitavelmente, só podem chegar ao artifício da imagem corporal, uma vez que o corpo construído pelos aparelhos (re) vela deslocamentos incessantes[10].

Frequentar a academia em nome da saúde, do prolongamento da vida ganhou força a partir da década de 1990. Porém, acredita-se que a busca de formas consideradas perfeitas ainda é o principal objetivo dos malhadores. A procura do ajustamento corporal tem levado à obsessão algumas pessoas, que para adquirirem músculos mais rápido ou mais volumosos, recorrem ao uso de anabolizantes, o que contraria o discurso da saúde e coloca em risco a vida de muitas pessoas.

Se, de um lado, temos uma epidemia de obesidade, temos também um verdadeiro culto à malhação e à busca de um corpo tido como bem definido. Quais os limites do corpo? Quem estabelece esse limite? Onde começam e terminam os limites humanos?

Na busca da árdua *adequação* dos corpos humanos a um ideal exalado pelas imagens midiáticas cada vez mais onipresentes e tirânicas, impondo por toda parte um modelo corporal hegemônico do magro, saudável e belo. as mulheres recorrem aos exercícios físicos, regimes alimentares, às cirurgias plásticas, as medicações etc..

De acordo com nossa pesquisa, o desejo de construção de um novo corpo através das dietas e do uso de remédios também é apropriado pelo mercado, pela mídia e pelos discursos que enunciam o padrão do corpo magro como sinônimo de beleza.

Com relação às dietas pode-se apontar algumas opções do seu numeroso cardápio na atualidade: Dieta dos Vigilantes do peso; Dieta da proteína; Dieta do tipo sanguíneo; Dieta oriental (Yin e Yang); Dieta dos pontos; Dieta vegetariana; Dieta da sopa; Dieta do índice glicêmico; "Dieta Galisteu"; Dieta relâmpago; Dieta ortomolecular; Dieta do Dr. Atkin; Dieta de Beverly Hills; Dieta Ornish; Dieta de South Beach; The No Diet Diet; Dieta do celular.

---

[10] GARCIA, Wilton. **Corpo, mídia e representação**: estudos contemporâneos. São Paulo: Thomson, 2005., p. 24/25.

ISBN: 978-85-98711-10-2

Nota-se a partir das capas que existe uma variedade quanto ao tempo propagado para perder peso bem como em relação a quantidade. São 2, 3,4,5,6,7,10, Kg em dias, semanas ou meses.

> Emagreça 9 Kg em um mês"; " Emagreça 5 Kg em um Mês", Enxugue até 6 Kg em 14 dias com a dieta antibarriga!; "Regime do cálcio: detone até 5 Kg em 12 dias"; "Onze dicas para exterminar a barriga" "Encontre aqui o "pacote de cuidados" que você precisa para ficar linda e de bem com o seu corpo hoje e nas próximas décadas. De quebra, você emagrece até 6 kg em um mês! [11].
>
> Proteína da vez: seca barriga Ela é uma aliada e tanto para eliminar os quilos extras e acabar com os pneuzinhos. E o melhor: tudo isso sem perder o pique nem passar fome ! [12]. (Revistas Dieta Já)
>
> Dieta líquida para afinar as curvas- Os deslizes das festas de fim de ano - mesmo os pequenos - resultam em indesejáveis pneuzinhos que você precisa eliminar mais do que depressa. Missão impossível? Não, para a nossa superdieta líquida, que vai mandar embora 3 quilos em apenas 5 dias! [13].

A figura do obeso é ameaçadora. Ela ameaça a beleza, a saúde, a vida. No combate a uma ameaça não resta alternativa a não ser a luta. Uma luta que se fundamenta, basicamente, na idéia de autocontrole. Assim, nas revistas, pouco se fala de fracassos em relação às dietas. Mas, sim da força de vontade, determinação e disciplina das mulheres que já conseguiram diminuir o peso. Estas passam a significar exemplos que devem ser seguidos.

Outro recurso utilizado pelas mulheres no combate as gorduras indesejadas é o uso de medicamentos ou produtos similares. As primeiras drogas para emagrecer foram as anfetaminas que surgiram na década de 1940. No princípio, eram usadas como arma de guerra para limitar o sono e o apetite dos soldados. Nos anos 1950 e 1960, tornaram-se o principal remédio contra os quilos em excesso. Logo, porém, apareceram os graves efeitos colaterais provocados por esses medicamentos e de tantos outros que surgiram. Pois, ao mesmo tempo que provocavam efeito de saciedade também produziam irritabilidade, dificultavam o sono e atrapalhavam qualquer trabalho que exigisse

---

[11] Revistas *Dieta Já*, 2000.

[12] Revista *Dieta Já*. 2000.

[13] Revista *Corpo a Corpo* 2000.

ISBN: 978-85-98711-10-2

concentração. Os laboratórios continuaram investindo na criação de medicamentos contra a obesidade, e nos anos 1990, vários remédios chegaram às prateleiras das farmácias, fazendo sucesso no mundo inteiro, inclusive no Brasil. Dentre estes surgiu o Xenical, prometendo fazer a revolução sobre as terapias tradicionais de redução de peso, os shakes, óleos, chás, etc.

Podemos destacar que entre as propostas para a conquista de um corpo tido como ideal, encontra-se: as atividades físicas, dietas, remédios, etc. Todos possuem um elemento em comum: o sacrifício. No entanto, esse sacrifício ao ser associado à busca da saúde e juventude torna-se positivo, logo é associado à auto-estima, felicidade e realização da mulher. Assim, para as mulheres que desejam combater a gordura, nada mais natural do que a corrida em busca das propostas que prometem o milagre de deixar o corpo perfeito. Tudo que é colocado no mercado e divulgado pela mídia como anti-gorduras passa a ser consumido pelas mulheres de diferentes idades. Tornaram-se moda.

E, se todas as tentativas de emagrecimento falharem ou forem considerados apenas os níveis de dificuldade a serem impostos, entram em cena atitudes radicais, a partir de retoques e reciclagem de cada parte do corpo, porém reconhecidas como construtores de efeitos visíveis de imediato: as cirurgias plásticas[14]. Por meio das cirurgias as mulheres vislumbram não apenas possuírem um corpo magro, mas também sem rugas, flacidez, ou marcas.

As cirurgias plásticas são apontadas como criadoras de beleza, uma vez que retiram os considerados defeitos e produzem o “milagre da transformação”.

O efeito dessas constatações corresponde à popularização das cirurgias plásticas. A cada dia, um número maior de mulheres se entrega aos cirurgiões e saem dos blocos cirúrgicos “recicladas”, “reformadas”, com partes retiradas, reconstruídas ou implantadas. E assim, a mulher ganha um novo corpo. Humano?

O corpo, no final do século XX, é enunciado, principalmente pela mídia, de forma fragmentada. Fragmentado, porém perfeito, porque “perfeição é um conjunto de detalhes”. Das pernas, pés, seios, orelhas, boca, nariz, nádegas, cinturas e culotes, emerge a mulher feliz. A mulher que encontrou a perfeição em um conjunto de detalhes.

[14] Atualmente o Brasil é o segundo país em número de intervenções cirúrgicas, perdendo apenas para os Estados Unidos.

ISBN: 978-85-98711-10-2

Encontrou a perfeição ao assumir para si e para seu corpo os significados elaborados por uma cultura da propaganda que sabe muito bem produzir discursos com efeitos de verdade.[15]

Os discursos enunciados nas propagandas das clínicas de cirurgia plástica, através dos textos e das imagens reproduzidas, falam de um conjunto de detalhes a serem moldados, reelaborados para os corpos. Não há resignificação mais forte do que a nova modelagem que pode ser adquirida a partir dos atos cirúrgicos. Os discursos enunciam os avanços e as possibilidades da perfeição e, os próprios corpos, remodelados, emergem como os principais propagadores de sentidos sobre a beleza no final do século XX.

> Pense na sua imagem como um grande espetáculo. Você é a estrela, faz bem seu papel, veste-se de acordo com ele, usa a maquiagem e os cabelos que se harmonizam com seu tipo, transmitindo às pessoas as características de seu personagem. Enquanto, elas assistem à sua atuação fazem uma análise de sua aparência. [...] Talvez aquele complexo de se achar feia, o qual tem infernizado a sua vida desde a infância, seja real. Essa constatação pode doer, mas é construtiva. Modificar a imagem é absolutamente possível. [...] Pequenas e rápidas intervenções cirúrgicas podem corrigir os descompassos simples da aparência, de forma definitiva e com ótimos resultados. Você pode escolher um final de semana para ajustar a beleza. E na segunda-feira retornar às suas atividades, com moderação. O local certamente terá leves hematomas, e vai estar um pouco inchado, porém nada agressivo ao olhar[16]..

O corpo passa a funcionar como um artefato plástico capaz de assumir diferentes formas. Ele não se trata de uma estátua que ao final de um trabalho, também considerado plástico e artístico, não sofrerá alterações, isto é, exceto as ressignificações do tempo a partir do olhar do presente sobre o passado. O corpo é um monumento diferenciado. Ele se encontra em constante movimento, trata-se de um documento/monumento, ou seja, o documento não é algo pronto, acabado, ele é construído socialmente[17]. O corpo é um monumento que poderá vir a ser modificado não apenas pelo olhar do presente, futuro do passado como as mais variadas fontes

---

[15] Consultar: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder.** 8 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

[16] Revista *Plástica & beleza*. Ano 9, nº 85, 2007.

[17] Sobre o conceito de documento como monumento, consultar: LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** 3 ed. Campinas: UNICAMP, 1994.

ISBN: 978-85-98711-10-2

históricas assim seriam. Fontes estas que seriam resignificadas ao longo do tempo. O corpo, aqui tomado como fonte, visivelmente pode ser marcado e desenhado, remodelado, reelaborado, desconstruído na sua materialidade inicial e, assim, produtor de novos significados.

Os significados para a beleza passam a ser elaborados através das marcas cirúrgicas e dos detalhes. As imagens do corpo e da beleza difundidas passam a ser construídas através do atento olhar da cirurgia plástica.

Diante do que já foi possível analisar com base na pesquisa das revistas, *Boa Forma, Corpo a Corpo, Dieta Já, Plástica & Beleza, Isto É e Veja* percebemos que a crença na beleza corporal como garantidora de aceitação social e felicidade estimula e legitima a busca de procedimentos para produzi-la, ampliá-la e preservá-la.

> Os padrões de beleza são tão imperiosamente obedecidos que, por mais que variem as mulheres fotografadas, nas imagens, todos os corpos se parecem. [...] o mesmo olhar sob o mesmo tipo de maquiagem, os mesmos lábios enxertados como manda o ideal de sensualidade do momento, o mesmo tamanho do sorriso, as mesmas poses, a onipresença da quase nudez, a nudez sem estar nua, como se estivesse. [18].

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DEL PRIORE, Mary. **Corpo a corpo com a Mulher.** Pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil. São Paulo: SENAC, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 8 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir.** 7 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

GARCIA, Wilton. **Corpo, mídia e representação**: estudos contemporâneos. São Paulo: Thomson, 2005.

GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). **Corpo gênero e sexualidade:** um debate contemporâneo. Petrópolis, Vozes, 2003.

GOLDENBERG, Mirian (org). **Nu e vestido**: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record, 2002.

[18] SANTAELLA, Lucia. **Corpo e comunicação**: sintoma da cultura. São Paulo: Paulus, 2004.

ISBN: 978-85-98711-10-2

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** 3 ed. Campinas: UNICAMP, 1994.

LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. (Orgs). **Corpo gênero e sexualidade:** um debate contemporâneo. Petrópolis, Vozes, 2003.

SANT'AANA, Denise B de. (org). **Políticas do Corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

SANTAELLA, Lucia. **Corpo e comunicação**: sintoma da cultura. São Paulo: Paulus, 2004.

SIBILIA, Paula: "Imagens da Beleza pura: o corpo digitalizado." Festival Internacional de Linguagem eletrônica. 2007.